

Oxum e Branca de Neve no espelho da Literatura Infantojuvenil

Oxum and Snow White in the mirror of Children's Literature

Rejane Mendes Duran Dirques Cavalcante
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

rejanemduran@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0008-7152-1125>

RESUMO

A prática da leitura e da contação de histórias para crianças e a observação das expressões infantis sobre a beleza suscitaram hipóteses sobre a relação entre os contos de fadas e a beleza feminina. Como a beleza pode ser representada em uma perspectiva étnico-racial na literatura infantojuvenil? Em uma concepção antirracista da literatura infantojuvenil, esse estudo visa analisar a estrutura narrativa do conto de origem africana “Oxum e seu mistério”, publicado no livro *Omo-Oba História de Princesas*, da escritora Kiusam de Oliveira, ilustrado por Josias Marinho, em diálogo com o conto de fadas “Branca de Neve”, dos irmãos Grimm. Além de comparar o conceito de beleza presente nesses contos, sob diferentes perspectivas, a análise também apresenta outro paradigma de princesa para ampliar o imaginário infantojuvenil.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil; Literatura Antirracista.

ABSTRACT

The practice of reading and telling stories to children and observing children's expressions about beauty led to hypotheses about fairy tales and female beauty. How can beauty be represented from an ethnic-racial perspective in children's literature? In an anti-racist conception of children's literature, this study aims to analyze the narrative structure of the african origin story, “Oxum and her mystery”, in the book *Omo-Oba História de Princesas*, by the writer Kiusam de Oliveira and illustrated by Josias Marinho with the fairy tale “Snow White”, by the Grimm Brothers. As well as comparing the concept of beauty present in these tales from different perspectives, the analysis also presents another paradigm of princess to broaden children's imagination.

Keywords: Children's literature; Anti-racist literature.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende analisar o conto “Oxum e seu mistério”, presente no livro *Omo-Oba História de Princesas*, da escritora Kiusam de Oliveira e do ilustrador Josias Marinho (2009), em diálogo com o clássico conto de “Branca de Neve”, do livro *Os*

contos de Grimm, escrito pelos irmãos Jakob Grimm (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786 - 1859), traduzido por Tatiana Belinky e ilustrado por Janusz Grabianski (1989).

A ideia inicial para o presente trabalho surgiu durante uma aula em uma turma de alfabetização, a partir de um bilhete escrito por uma das alunas para sua professora. Diante da provocação daquela escrita infantil e das diversas possibilidades de interpretação para o bilhete, foi possível refletir sobre a importância de um referencial de beleza negra para as crianças, em especial para as meninas negras das periferias que frequentam as escolas públicas e que nem sempre têm acesso à produção literária negra.

No ano de 2001, em minha prática docente recebi um bilhete afetuoso de uma aluna, onde se lia: “tia, você é bonita como a Branca de Neve”. Poderíamos direcionar o olhar pesquisador para a importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem ou para outros caminhos, caso as personagens não fossem duas mulheres negras. Em uma escola pública, inserida em uma comunidade periférica da cidade do Rio de Janeiro, onde a população é majoritariamente negra, o conteúdo desse bilhete denuncia a falta de referência de beleza negra que sirva de apoio para a comparação feita pela criança. O que as crianças leem possibilita que elas se vejam e visualizem as pessoas que admiram, estampadas nos livros? Onde estão as princesas negras nos livros infantis? Na família, na escola, nas bibliotecas, nas telas do cinema ou da televisão, que narrativas de beleza negra são contadas? Conforme a autora Ione da Silva Jovino (2006, p. 182):

Algo interessante para refletirmos é o fato de nos serem dados a conhecer a literatura sempre a partir de um referencial europeu. Fomos acostumados às diversas adaptações de contos de fadas como Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Joãozinho e Maria, Branca de Neve ou às diversas histórias do livro *Mil e uma Noites*.

As histórias clássicas, que eu, outras professoras e aquela menina ouvimos e lemos, pertenciam a esse referencial europeu. A cor de suas peles, seus traços fenóticos e seus diferentes tipos de cabelos não estavam representados nos livros lidos e nas histórias contadas. Elas estavam “acostumadas” à exaltação da beleza branca e não conseguiam enxergar o belo na sua identidade.

Nesse contexto, um outro modelo de beleza precisa ser encontrado. A opção desse estudo por analisar o conto da tradição africana de “Oxum e o Mistério” (2009) e dialogar com o clássico “Branca de Neve”, princesa trazida pela criança como exemplo de beleza, tem relevância por contribuir com a pesquisa acadêmica na análise narrativa de contos africanos, por difundir a produção literária de pessoas negras e possibilitar a discussão

sobre a construção do conceito de beleza a partir da história cultural e ancestral do povo negro.

O texto se organiza, primeiramente, abordando a Literatura Infantojuvenil negra e, em seguida, a desconstrução do conceito de beleza. Já em um terceiro momento, apresenta a análise comparativa dos contos com o objetivo de conceber a beleza sob outra perspectiva, concluindo com a possibilidade de ampliação dos paradigmas de representatividade negra.

A LITERATURA INFANTOJUVENIL NEGRA

Vinte e dois anos se passaram após a Lei 10.639/2003, que veio para alterar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nos artigos 26 e 79, determinando a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira no currículo das escolas brasileiras. Nesse ínterim, surgiram novas narrativas com o protagonismo negro e com a presença de variados paradigmas de beleza negra nos livros infantojuvenis. O professor Luiz Fernando de França, em suas pesquisas sobre literaturas africanas de Língua Portuguesa, apresenta um panorama de livros infantojuvenis com personagens negras e constata que, em 2003, “apesar do aumento das publicações, existe um enorme descompasso entre o número de obras publicadas e o número de adotadas pela escola” (De França, 2008, p. 114).

O tempo passou e a democratização de livros com personagens negras se expandiu, mas muito ainda precisa ser feito para a história da Literatura Infantil brasileira reconhecer obras precursoras de autores negros. A Literatura Infantil negra é novata, pois, no início do século XX, quando ela dava seus primeiros passos, as pessoas negras não faziam parte da narrativa principal. Quando apareciam, eram personagens que reforçavam estereótipos negativos. Conforme enfatizam os autores Ayodele Floriano Silva, Maria Fernanda Luiz e Anete Abramowicz (2022, p. 1672),

A literatura infantil e juvenil brasileira busca construir uma imagem de criança que esteja conforme ao que se constituirá como povo brasileiro e, além disto, venha a reforçar os estereótipos em torno da população negra, já que a “cor da nação” é idealizada como branca, desde a década de 1920 – estereotípi clara na Literatura de Monteiro Lobato, por exemplo. A literatura negra vem produzindo um movimento de ruptura de paradigmas, mas ainda enfrenta resistências seja no campo editorial, seja pelas(os) leitoras(es), mas por meio dela vemos emergir questões e mudanças significativas de paradigmas, ampliando o campo do possível e do imaginário por meio de outras histórias, outros/as personagens etc. Na contemporaneidade, há um grupo de escritoras(es) negras(es) que, ao buscarem a ruptura, percebem uma lacuna no

nicho editorial e, sendo assim, debruçam-se na escrita de livros infantojuvenis, cunhando novas tendências na produção literária infantil.

A história da Literatura Infantojuvenil negra não para de caminhar e com a persistência ganha e solicita espaços em lugares em que antes não era vista. Segundo os estudos da pesquisadora Elizabeth Cardoso, é importante incluir, no percurso histórico da Literatura Infantil, a atuação de intelectuais afrodescendentes, como Gonçalves Crespo (1894-1965), João do Rio (1881-1921), Idelfonso Juvenal (1894-1965), Mestre Didi (1917-2013) e Ruth Guimarães (1920-2014), autores que embasaram a história da Literatura Infantil brasileira. A autora argumenta que a produção acadêmica possui um considerável arcabouço teórico sobre o início da literatura para crianças no Brasil, ressaltando que esse legado

[...] deve ser completado, revisto e reescrito com maior atenção à diversidade racial presente nessa literatura e em especial à inserção dos escritores e escritoras afrodescendentes, artistas do livro, com textos verbais, orais e visuais, ocupando o espaço devido a eles e elas e suas obras (Cardoso, 2023, p. 111).

O trabalho de autores e autoras negras de romper com o padrão, publicando, divulgando sua obra literária e ainda obtendo reconhecimento acadêmico, é, historicamente, uma luta de resistência. O mercado editorial avançou e muitos livros de literatura infantojuvenil com a temática negra chegaram às escolas públicas, mas ainda há o desafio de selecionar e dar acesso suficiente até tornar-se natural ter livros com príncipes e princesas negras.

A DESCONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE BELEZA

A beleza é o nome de qualquer coisa que não existe
Que eu dou às coisas em troca do agrado que me dão.
(Fernando Pessoa)

Aquilo que nos agrada recebe o nome de belo. O poeta define beleza como aquilo que não existe e, se não existe, menos ainda pode ter uma forma padronizada. O que agrada a uma pessoa pode não agradar a outra. Entendemos a beleza como aquilo que apraz e faz bem e, dessa, forma ela foi representada ao longo da história literária.

O escritor Umberto Eco escreve duas obras sobre esse tema: *História da Beleza* (2004) e *História da Feiura* (2007). Em *História da Beleza*, Eco apresenta o conceito de beleza através de pinturas, esculturas, fotografias do cinema e da televisão, de acordo com

o contexto de cada época histórica. Esses conceitos também vão se evidenciar na produção literária ao longo do tempo. O autor aponta que, desde a antiguidade, a beleza está relacionada àquilo que é bom. O bom não só nos agrada como um bem que desejamos ter, mas também como uma ação virtuosa que não suscita desejo e, sim, admiração, porém continua sendo belo. No livro *História da Feiura*, Umberto Eco apresenta essa relação entre beleza e feiura e seus diversos significados:

Se examinarmos os sinônimos de *belo* e *feio*, veremos que, enquanto se considera belo aquilo que é bonito, gracioso, prazenteiro, atraente, agradável, garboso, delicioso, fascinante, harmônico, maravilhoso, delicado, leve, encantador, magnífico, estupendo, excelso, excepcional, fabuloso, legendário, fantástico, mágico, admirável, apreciável, espetacular, esplêndido, sublime, soberbo; é *feio* aquilo que é repelente, horrendo, asqueroso, desagradável, grotesco, abominável, vomitante, odioso, indecente, imundo, sujo, obscuro, repugnante, assustador, abjeto, monstruoso, horrível, hórrido, horripilante, nojento, terrível, terrificante, tremendo, monstruoso, revoltante, repulsivo, desgostante, aflitivo, nauseabundo, fétido, apavorante, ignóbil, desgracioso, desprezível, pesado, indecente, deformado, disforme, desfigurado (para não falar das formas como horror pode se manifestar em territórios designados tradicionalmente para o belo, como o lendário, o fantástico, o mágico, o sublime). A sensibilidade do falante comum destaca que enquanto para todos os sinônimos de *belo* seria possível conceber uma reação de apreciação desinteressada, quase todos os sinônimos de *feio* implicam sempre uma reação de nojo que senão de violenta repulsa horror ou susto (Eco, 2007, p. 18-19).

O autor direciona seus estudos para o conceito de beleza na cultura ocidental, no entanto, a descrição dos sinônimos adapta-se à base conceitual de beleza e feiura em todas as culturas. O que muda, e que os estudos de Eco não contemplam, é como cada cultura representa esses conceitos. O que a cultura asiática chama de belo pode ser feio para a cultura americana e vice-versa. O bonito e o feio necessitam um do outro e dependem da perspectiva e da vivência social de quem olha. Eco (2004) diz que, em termos de beleza, arte em geral (pintura, escultura, arquitetura, mídias) e literatura nem sempre caminharam juntas, podendo acontecer que, em uma mesma época, cada uma expressasse um conceito diferente de beleza. O belo e o feio estão relacionados a como cada um se vê e como vê o outro. Dependem da época e da cultura em que estão inseridos, não sendo, então, absolutos, pois mudam de acordo com o tempo de cada sociedade.

Foi a partir desse conceito de beleza ocidental e europeu que a personagem Branca de Neve foi descrita: “era tão branca como a neve, tão corada como sangue e de cabelos tão negros como o ébano da janela” (Grimm, 1989, p. 48). À medida que Branca de Neve cresce, vão se revelando sua tamanha beleza e bondade, a brancura e a bondade unidas na mesma personagem. Apesar disso, a beleza também aparece na madrasta, que é branca, bonita e invejosa. O belo pode ser mau e o feio pode ser bom, pois a beleza está

relacionada ao comportamento que agrada e não apenas a uma exterioridade física. Conforme o autor Bruno Bettelheim (2022, p. 209), “não sabemos porque a rainha em ‘Branca de Neve’ não consegue envelhecer com graça e se satisfazer de modo substitutivo com a transformação e florescimento da menina numa moça adorável”.

De acordo com os estudos da autora Noami Wolf (1992), sobre o mito da beleza:

A juventude e (até recentemente) a virgindade foram "bonitas" nas mulheres por representarem a ignorância sexual e a falta de experiência. O envelhecimento na mulher é "feio" porque as mulheres adquirem poder com o passar do tempo e porque os elos entre as gerações de mulheres devem sempre ser rompidos. As mulheres mais velhas temem as jovens, as jovens temem as velhas, e o mito da beleza mutila o curso da vida de todas. E o que é mais instigante, a nossa identidade deve ter como base a nossa "beleza", de tal forma que permaneçamos vulneráveis à aprovação externa, trazendo nosso amor-próprio, esse órgão sensível e vital, exposto a todos (Wolf, 1992, p. 17).

Dessa forma, o mito da beleza, a inveja, a competição e o medo impedem a possibilidade de troca entre as gerações. O mito da beleza fratura o curso da vida das gerações femininas. A velha é feia e má e a jovem, bonita e bondosa. Wolf (1992) segue explicando que a beleza está relacionada ao comportamento esperado de cada época, que o mito da beleza mudou ao longo dos anos, que não é igual para todas as culturas e que, para a cultura ocidental, está relacionado a submissão e poder. Em muitos contos africanos, o ciclo de ancestralidade é valorizado como transmissão de sabedoria. A nigeriana e cientista social Oyèrónké Oyèwùmí (2021), em seus estudos sobre a sociedade iorubá no sudoeste da Nigéria, afirma que a senioridade, baseada na idade cronológica, é o que determina as relações sociais. A autora segue confrontando a cultura ocidental, e sua forma única de enxergar o outro, com a cultura iorubá, que privilegia componentes visuais e orais.

Mais fundamentalmente, a distinção entre os povos iorubás e o Ocidente, simbolizada pelo foco em diferentes sentidos na apreensão da realidade, envolve mais do que a percepção – para os povos iorubá e, na verdade, para muitas outras sociedades africanas, trata-se de “uma presença particular no mundo – um mundo concebido como um todo, no qual todas as coisas estão ligadas” (Oyèwùmí, 2021, p. 44).

Um único ponto de vista não existe para a beleza e a feiura. Nas diferentes culturas africanas, o que se vê não é apenas o exterior, elas consideraram a percepção dos outros sentidos, valorizando o que se ouve e o que se fez ao longo dos anos que passaram. Envelhecer com graça é uma sabedoria de ancestralidade que habita a *psique* feminina, como esclarece a autora Clarissa Pinkola Estés (2007, p. 9):

Nas histórias, a dupla da mais nova e da mais velha, juntas, assume a missão de dar muitas bênçãos necessárias uma à outra para seguir adiante, sair-se bem, ser corajosa e audaz, e levar o tipo de vida na qual as almas são bem nutridas. Por que os atributos da mulher sábia são, além disso, tão importantes para as jovens? E por que a sabedoria e a energia das jovens são tão importantes para as mais velhas? Juntas, elas simbolizam dois aspectos essenciais encontrados na psique de cada mulher. Pois a alma de uma mulher é mais velha que o tempo, e seu espírito é eternamente jovem... sendo que a união desses dois compõe o “ser jovem enquanto velha e velha enquanto jovem”.

A autora assegura que a junção da alma “mais velha que o tempo” com um espírito “eternamente jovem” formam a *psique* da mulher e entender essa união a torna sábia. Se a madrasta de Branca de Neve tivesse essa compreensão, seria outra a história. Alguns contos de tradição africana evidenciam a sabedoria na personagem das avós, a mulher negra e anciã, que conhece o poder das plantas e das rezas. As meninas, que crescem perto dessas sábias mulheres, encontram a força necessária para seguir adiante, mesmo que precisem enfrentar situações preconceituosas.

A personagem da avó, que acolhe e transmite conhecimentos, também aparece em histórias de diferentes culturas, representando a sabedoria feminina:

Há muitos tipos de veneráveis grandes avós na mitologia e na realidade consensual. É verdade que ser literalmente avó de uma criancinha é como se apaixonar, e que o nascimento de crianças pode provocar uma sensação de total enlevo numa pessoa mais velha. Além disso, o orgulho e o esplendor de "ter sido mãe de uma mulher que se tornou mãe" transparecem e conferem uma grandeza toda especial. E existem muitas outras formas de ser ungida com a imagem de avó... que não se restringem à prole. Há mulheres na vida real que são grandes genitoras de gerações de ideias, processos, genealogias, criaturas, períodos da sua própria arte... sempre se tornando mais sábias e se manifestando dessa forma. Existem mentoras, graças que ensinam, as que orientam alunos e quem quiser aprender, escritoras e pintoras iniciantes, e as maduras também, porque as mulheres maduras também precisam de carinho e orientação para florescer numa estação atrás da outra... (Estés, 2007, p. 6).

As personagens femininas, que se pretende que sejam parâmetro para as meninas, precisam trazer o conhecimento ancestral, o ciclo de sabedoria das gerações, e cultivar a amorosidade nas relações femininas, defendendo o estabelecimento da sororidade. O Brasil ao ser colonizado por Portugal recebeu dele o conceito de beleza que valorizava toda manifestação cultural do belo europeu - dança, música, pintura, escultura. Entretanto, a beleza eurocêntrica, exaltada nas mídias e nos livros, não representava a criança negra. Dentro dessa cultura colonial e eurocentrada, houve um apagamento cultural e histórico da beleza, tanto dos povos originários, que já estavam aqui, quanto dos diferentes povos africanos que foram traficados para essas terras. Assim como as expressões artísticas e literárias dos povos africanos e originários, também formadores do povo brasileiro, as

pessoas de pele negra foram representadas como o exótico, o mal, o feio, o submisso, além de todo um estereótipo negativo.

Se a beleza está associada ao agrado recebido, os povos negros precisam sentir a alegria do reconhecimento da sua história e das suas virtudes. Por isso, as personagens negras nos livros infantojuvenis devem apresentar as pessoas negras em seu cotidiano comum e bem-sucedido, da mesma forma que as personagens brancas são apresentadas, com características que evidenciem inteligência, criatividade, honestidade, liderança, asseio pessoal e afetividade. Um livro com personagens negras protagonistas, com esses atributos humanos, faz parte da literatura negro afetiva, conforme propõe a escritora Sonia Rosa (2021).

A beleza da mulher negra, por muito tempo, foi evidenciada pelo aspecto sexual. Na infância, uma menina negra é desafiada a aprender a cuidar do cabelo. Na adolescência, sente que é preterida, por meninos negros e brancos, devido à cor da pele. Na vida adulta, precisa se posicionar para respeitarem o seu corpo. No ambiente escolar, ainda acontecem risos, deboches e comentários maliciosos quando uma menina negra é elogiada em público. O processo de autoamor, autoestima e autoconfiança é árduo e contínuo, pois ela precisa libertar-se das marcas profundas de exclusão e empoderar-se para ter coragem de viver seus sonhos. A literatura é uma porta que se abre para a criança negra conhecer sua história ancestral, oferecendo-lhe diferentes possibilidades de se relacionar com a vida. Dito isso, percebemos a relevância de uma literatura negro afetiva. As personagens negras devem protagonizar histórias nos livros infantojuvenis para que as crianças brancas vejam beleza nas crianças negras, para que os meninos negros admirem a beleza da menina negra e para que a menina negra se ache bonita. Ter meninas negras como protagonistas das histórias é uma das propostas de Silva, Luiz e Abramowicz (2022, p. 1673):

Entretanto, a produção de livros com personagens negras ainda é minoritária em meio à produção tramada com personagens não negras. E, embora identifiquemos o aumento dessa produção literária negra, cabe-nos aqui ressaltar que urge a produção de livros com uma linguagem visual e textual que evidencie positivamente a representatividade negra e oportunize destaque, reconhecimento e valorização das personagens negras.

Nessa lógica, ao trazer, para a literatura infantojuvenil, as histórias das princesas africanas, Kiusam de Oliveira apresenta uma alternativa de desconstrução do conceito de beleza e uma perspectiva de Literatura Infantojuvenil antirracista. Como ela nomeia, uma Literatura Negro-Brasileira do Encantamento Infantil e Juvenil (LINEBEIJU), que coloca

os negros e as negras como protagonistas e valoriza suas histórias, danças, pinturas e mitos. Assim, será possível empoderar meninas e meninos negros, romper com os estereótipos e valorizar a expressão artística das pessoas negras, como nos diz o intelectual Abdias do Nascimento (2014, p.279): “A arte negra, em sua liberdade inerente, insurge-se contra os métodos e normas da arte ocidental, não tanto para negá-los, mas para impedir que seus critérios prevaleçam em nosso trabalho”. Por tudo isso, o conto de uma princesa africana cheia de beleza vem para quebrar mais um elo dessa corrente de invisibilidade social e literária.

A ANÁLISE DO CONTO *OMO-Oba: HISTÓRIA DE PRINCESAS*

O caminho metodológico apresentado neste artigo percorreu a análise comparativa em uma interpretação crítica das similitudes e distanciamentos existentes nos dois contos, produzidos em épocas tão distantes. A metodologia de linha comparatista, de acordo com Tania Carvalhal (2001), assegura a construção das obras literárias com base nos textos que as antecederam ou lhes são simultâneos, numa rede de relações que alimenta a própria literatura, álarfando-se a outros campos do conhecimento: “Daí a necessidade de articular a investigação comparativista [de literatura] com o social, o político, o cultural, em suma, com a História num sentido abrangente” (Carvalhal, 2001, p. 86).

Conforme os estudos de Fabio Akcelrud Durão (2015, p.384), “construir um raciocínio cuja conclusão é apenas sugerida, é um método; também o é tentar apresentar, sem mediação, objetos diferentes, de forma que suas semelhanças ou contrastes falem por si sós”. Desse modo, a análise bibliográfica entremeou o referencial teórico a partir das seguintes categorias: a estrutura narrativa dos contos, as ilustrações, a relação das protagonistas com as demais personagens e elementos do texto e o tratamento dado à questão da beleza feminina nos enredos apresentados.

O livro *Omo-Oba: História de Princesas* (2009), de Kiusam de Oliveira e ilustração de Josias Marinho, apresenta seis histórias de princesas de origem africana, ilustradas como meninas negras, cada uma com os adornos característicos de sua personalidade. Em 2023, Kiusam de Oliveira lançou um outro livro, *Omo-oba: Histórias de Princesas e Príncipes*, com ilustrações de Ayodê França, mantendo as histórias das princesas e incluindo as histórias dos príncipes negros.

Do primeiro livro, escolhemos o conto africano “Oxum e seu mistério”, que apresenta diferentes elementos em comum com o conto de fadas “Branca de Neve”, dos irmãos Grimm: ambos evidenciam, no título, o nome da personagem principal; os elementos constantes das duas histórias são a presença de duas belas princesas, de um espelho, de dois personagens masculinos (o príncipe e o menino Ogum) e o enredo gira em torno da beleza. As personagens de “Oxum e seu mistério” são a menina Oxum e o menino Ogum. No conto da “Branca de Neve”, as personagens são a mãe, Branca de Neve, a madrasta, o caçador, os anões e o príncipe. O espelho, o elemento que aparece nas duas histórias, foi um fator decisivo para a escolha da princesa africana com a qual dialogamos.

A personagem Branca de Neve recebe esse nome por ter nascido exatamente como sua mãe desejou ao ver beleza em gotas de sangue caídas na neve, ao lado de uma janela com esquadrias negras: “Pouco tempo depois ela ganhou uma filhinha, que era tão branca como a neve, tão corada como o sangue e de cabelos tão negros como o ébano da janela, e por isso foi chamada de Branca de Neve” (Grimm, 1989, p. 48). A ótica eurocêntrica reforça seus atributos físicos - cor da pele e do cabelo - como belos. Ao longo da narrativa, a protagonista apresenta-se bondosa e desejosa de beleza, quando aceita o corpete e o penteado.

A personagem Oxum é descrita com todos os seus atributos logo no início da história: beleza, vaidade, atrevimento, genialidade, determinação, maternidade e combatividade. Oxum é descrita como uma princesa empoderada, que atrai as demais personagens: “Oxum era muito linda e perfumada e todos os meninos e meninas desejavam ficar perto dela” (Oliveira, 2009, p.17). Na perspectiva da literatura negra, a beleza é ressaltada junto com características comportamentais, sem o julgamento de bom ou mau.

A personagem da madrasta é descrita como uma mulher bela, orgulhosa, arrogante e competitiva. Ao ler o conto, percebemos que ela era uma mulher bem-sucedida, bela, rainha e possuidora de um espelho mágico, mas, ao ouvir que sua beleza fora superada, a inveja lhe tirou a paz e o sossego, seu coração se revirou de ódio, seu sangue ferveu, ela tremeu de raiva, praguejou e desejou a morte da jovem menina que ameaçava a sua autoestima e superioridade. Para Bettelheim (2002, p.209), seu desejo de ser mais bela que a menina que ela deveria amar a leva a cometer atos desprezíveis, em busca das características que julgava não ter mais, com a certeza de que só eliminando o outro poderia ser feliz. Perder a paz por não se contentar com aquilo que tem, desejar a morte

de outrem, mandar executar e depois envenenar com as próprias mãos, quanto ódio em torno da beleza que via ameaçada pela existência do outro!

A escritora estadunidense Noami Wolf (1992) aborda que, ao longo da História, as mulheres enfrentam a exigência de uma estética física padronizada. As instituições e o poder masculino estimulam a competição feminina, tentam reduzir a mulher ao único atributo da beleza, impondo “necessidades” ao corpo feminino e colocando uma contra a outra:

Temos de parar de interpretar a aparência umas das outras como se a aparência fosse uma linguagem, um compromisso político, valor ou agressão. É muitíssimo possível que o que uma mulher queira dizer às outras seja muito mais complexo e cheio de compreensão do que a mensagem truncada da sua aparência lhe permite transmitir. Começemos com uma reinterpretação da "beleza" que negue a competição, a hierarquia e a violência. Por que motivo o orgulho e o prazer de uma mulher têm de representar a dor para outra mulher? (Wolf, 1992, p. 382).

Para as mulheres ocidentais, que desde meninas escutam histórias de competição de beleza, nas quais a mocinha é salva pela figura masculina, ter contato com outra perspectiva de beleza parece ser mais sedutor e mais leve, em todas as fases da vida. Assim, a história da Oxum tece um contraponto à história da tradição. A sua beleza atrai e fascina a todos, trazendo-os para perto dela.

A madrasta, que só aparece no conto dos irmãos Grimm, tem algumas semelhanças com a princesa Oxum. São duas personagens femininas descritas como belas, vaidosas e que possuem um espelho. Mas as diferenças são maiores, pois cada uma desfruta da beleza de forma distinta, sendo uma a vilã e a outra a heroína. O espelho maravilhoso da madrasta responde a suas perguntas com a verdade, ainda que esta não lhe agrade. O espelho da princesa Oxum faz parte de seus adornos de beleza. A princesa Oxum é uma mulher bonita, rica (com joias que ninguém possuía) e guerreira, quando necessário. Seu encanto está na harmonia de sua figura, o mistério que carrega consigo é o poder de magnetizar e hipnotizar com sua beleza. Essa imagem de mulher negra rompe com a imagem da negra escrava e sensualizada, construindo um referencial de ancestralidade, beleza e força, um modelo bem-sucedido, onde as meninas negras podem se espelhar.

[Oxum] Sabia ser guerreira, mas preferia cuidar de sua beleza: de suas unhas, de seus cabelos, de sua pele e das joias de ouro que só ela possuía. Mas a princesa menina Oxum tinha conhecimentos que ninguém mais tinha: ela conseguia hipnotizar com a sua beleza quem ela quisesse. [...] Como a princesinha Oxum era vaidosa! Andava o tempo todo com um espelho na mão

esquerda, mas não se esquecia de sua adaga na mão direita (Oliveira, 2009, p. 17-18).

O texto traz a reinterpretação da beleza, saindo da competição e da violência para o encantamento, ainda que articulando o espelho da beleza, carregado em uma mão, e a adaga, representando sua prontidão para uma ação bélica, se necessário. A amorosidade também ajuda a compor o perfil da heroína: ela salva o amigo, que estava sozinho e cansado, e consegue a generosidade das abelhas:

As abelhas, encantadas com a beleza de Oxum e com a delicadeza com que havia feito o pedido, abriram uma fenda na colmeia e o mel começou a escorrer nas mãos de Oxum. O mel brilhante como ouro que escorria nas mãos de Oxum era passado na boca do menino Ogum, que estava adorando toda a doçura. Oxum cantava:

- Tome o mel, meu amigo, mas venha para a cidade comigo.

Ogum saboreava o mel, acompanhava a dança de Oxum e entre mel, perfume e dança, quando percebeu, já estava na cidade (Oliveira, 2009, p. 21-22).

Na história de Kiusan, a beleza sem coroa, o cabelo crespo solto, o pé descalço na terra, a fragrância do perfume, o movimento leve da dança, o sabor doce do mel e o querer bem da amizade são os elementos usados pela heroína para vencer o cansaço e o isolamento social. Oxum é uma heroína, uma mulher atrevida ao entrar na reunião dos homens da cidade, que age com genialidade ao fingir não ver seu amigo. É delicada ao pedir ajuda às abelhas, formosa ao movimentar seu corpo para aguçar os sentidos do outro, determinada em conduzir o homem de volta para sua missão e maternal em não deixar a sua comunidade passar fome. A sabedoria ancestral dos elementos da natureza, os sentidos do corpo e a amorosidade são as chaves de compreensão que as crianças podem utilizar nos seus relacionamentos cotidianos. Os atos cheios de compreensão e delicadeza geram novas representações de beleza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise comparativa dos contos, foi possível estabelecer reflexões sobre a importância de um referencial de beleza negra para as crianças, possibilitando-nos concluir que a beleza negra deve ser representada de forma afetiva, gentil e cotidiana para que, ao se olhar no espelho, assim como no livro da princesa Oxum, a criança encontre a sua beleza única.

O desafio dos escritores da Literatura Infantojuvenil negra é escrever histórias com as personagens negras como protagonistas de ações afirmativas, em atividades

cotidianas de carinho e em diferentes posições sociais, onde suas identidades são reconhecidas e sua história valorizada. Como já dito, existe muita produção literária negra para crianças, mas em consonância com outros pesquisadores, ressaltamos o trabalho de três mulheres autoras:

Três escritoras presentes no acervo estudado: Sonia Rosa, Kiusam de Oliveira e Patrícia Santana podem ser incluídas num grupo de mulheres negras, intelectuais, escritoras de livros infantis e infantojuvenis, militantes dos movimentos negros e de movimentos em favor da educação antirracista. Costa (2020) afirma que essas autoras expressam no seu texto uma preocupação com as dificuldades para a criança negra se constituir, por meio da educação e da cultura, enquanto ser humano com direito a uma identidade negra positiva (Silva; Luiz; Abramowicz, 2022, p. 1680).

Essas escritoras trazem em seus livros personagens femininas protagonistas que retratam a experiência que muitas meninas negras gostariam de viver. As autoras recolheram os contos de tradição oral negra, escreveram sobre suas vivências e a sua escrita proporciona visibilidade às produções do povo negro.

Um ponto que não pode ser esquecido é a intolerância em relação às religiões de matrizes africanas. Essa intolerância gera insegurança nos mediadores de leitura, com receio da rejeição dos pequenos e grandes ouvintes, fazendo com que não leiam histórias com nomes da tradição iorubá. Porém, o que precisa ser ressaltado é que essas histórias e essa religiosidade chegaram até os dias de hoje por conta da resistência das pessoas africanas que, mesmo com as atrocidades da escravidão, não apagaram, da memória, a sabedoria e a espiritualidade que viviam no seu primeiro continente. Outro ponto a se destacar é a necessária desconstrução da forma única de ser e de viver a espiritualidade.

A pesquisadora Ione Jovino (2006) ressalta a importância de contar as histórias de tradição africana até que se obtenha o seu devido reconhecimento e valorização na Literatura Infantojuvenil, rompendo com a inferiorização das culturas negras.

Contemporaneamente, alguns dos textos dirigidos ao público infantil e juvenil buscam uma linha de ruptura com modelos de representação que inferiorizem, depreciem os negros e suas culturas. São obras que apresentam personagens negros em situações do cotidiano, resistindo e enfrentando, de diversas formas, o preconceito e a discriminação, resgatando sua identidade racial, representando papéis e funções sociais diferentes, valorizando as mitologias, as religiões e a tradição oral africana (Jovino, 2006, p. 188).

O conto da princesa Oxum é um referencial positivo de beleza negra, pois ele realça a desconstrução da beleza europeia, apresenta um referencial de beleza feminina negra e propõe uma maneira amorosa de resolver os conflitos internos e externos que os seres humanos passam ao se relacionarem uns com os outros. O texto promove uma

possibilidade de substituição das ações: a relação de beleza narcísica da madrasta pela beleza que atrai de Oxum; a dança que conduziu à morte da madrasta pela dança que encanta; a maçã envenenada pela doçura do mel; o corpete apertado pela saia esvoaçante; o príncipe encantado com a bela no caixão pela dança da bela princesa que tira o amigo da solidão e, por fim, a troca das palavras de ódio por frases de ternura e gentileza. É uma história que enaltece a beleza de uma personagem negra respeitando sua diversidade ancestral.

Nessas considerações finais, há um questionamento a ser feito aos leitores das duas histórias: o que você acha que a Branca de Neve veria no espelho da Oxum? A questão poderia ser transformada em uma proposta de leitura e ser analisada com as crianças e os jovens. Seria necessário que os leitores conhecessem as duas histórias, que fossem abertos espaços para o diálogo. Ainda seria possível finalizar a atividade com expressões artísticas, como desenho, conto, teatro, música ou o que mais a criatividade pudesse alcançar. Ouvir as experiências das pessoas negras a partir da literatura é uma das possibilidades de ressignificar as narrativas individuais. A reflexão sobre as personagens dos contos africanos pode ser utilizada para contar a história de formação do povo brasileiro por outra perspectiva. Atividades literárias antirracistas podem ser desenvolvidas nas escolas, nas bibliotecas, nas praças e nas casas.

Em que resultará um encontro de duas princesas, um espelho e muita criatividade? Oxalá que, quando qualquer criança ou uma menina negra se olhe no espelho de Oxum, ela veja beleza e amorosidade, pois, no conto, quem olhava para o espelho de Oxum via “o que carregava de mais profundo dentro de si” (Oliveira, 2023, p. 15). A literatura infantojuvenil convida à criatividade e à realização de novas narrativas e, dentro de uma perspectiva antirracista, reconhece o valor de uma história que veio guardada na memória, venceu a dor, foi modelada na voz do tempo e escrita por autores que carregam sua origem na cor da pele. Foi possível constatar que a Literatura Infantojuvenil é uma ferramenta potente de desconstrução de ideais de beleza restritivos e possibilita outras representações de princesas, com personagens negras, com desenlaces narrativos diferentes dos contos clássicos e sem perder o encantamento.

REFERÊNCIAS

- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução: Arlene Caetano. 16.ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra: 2002
- BRASÍLIA. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília, 2005. 236 p. (Coleção Educação para todos).
- CARDOSO, Elizabeth. Escurecimentos literários: autoria de ancestralidade negra na fundação da literatura infantil brasileira. *Odeere*, v. 8, n. 1, 2023, p. 106-118.
- CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 2001.
- DE FRANÇA, Luiz Fernando. Desconstrução dos estereótipos negativos do negro em *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, e em *O menino marrom*, de Ziraldo. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 31, 2008, p. 111-127.
- DURÃO, Fabio Akcelrud. *Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários*. São Paulo: Unicamp, D.E.L.T.A., 31-especial, 2015, p.377-390.
- ECO, Umberto. (1932). *História da Beleza*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- ECO, Umberto. (1932). *História da Feiura*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *A ciranda das mulheres sábias*. Ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- GRIMM, Jakob (1785-1863), GRIMM, Wilhelm (1786-1859). *Os Contos de Grimm*. Ilustrado por Janusz Grabianski. Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Paulus, 1989, p. 48-61.
- JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria de Nazaré (Org.). *Literatura Afro-brasileira*. Salvador: Centro de estudos afro orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006, p. 180 -218.
- NASCIMENTO, Abdias. A Cultura Africana na Arte Brasileira. In: DUARTE, Eduardo de Assis. (Org.) *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVII ao XX*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014, p. 274-294.
- OLIVEIRA, Kiusam de. *Omo-oba: histórias de princesas*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009, p. 16-22.
- OLIVEIRA, Kiusam de. *Omo-oba: histórias de princesas e príncipes*. São Paulo: Companhia da Letrinhas, 2023, p. 14-17.

OYÊWÚMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976, p. 278.

ROSA, Sonia. Literatura negro afetiva para crianças e jovens. *Revista África e Africanidades*, Ano XIV, Ed.39, p. 6-22, Ago-Out de 2021.

SILVA, Ayodele Floriano; LUIZ, Maria Fernanda; ABRAMOWICZ, Anete. *Literatura infantil e juvenil negra: o lugar da menina negra*. *Zero-a-seis*, v. 24, p. 5, 2022.

WOLF, Noami. *O mito da beleza - Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Tradução de Waldéa Barcellos. Rocco: Rio de Janeiro, 1992.

Recebido em: 02/10/2024

Aceito em: 17/04/2025

Rejane Mendes Duran Dirques Cavalcante: doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras, especialidade Literatura Brasileira, (UERJ, 2024), Mestre em Educação (UERJ, 2012), Especialista em Alfabetização (UFF, 2010); Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do (Colégio Pedro II, 2009); com interesse acadêmico voltado especialmente para a Literatura Infantojuvenil, Contação de história e Letramento racial.